

Diagramação e Direção de Design

Núcleo de Design - Unifran

Catálogo na fonte – Biblioteca Central da Universidade de Franca

Seminário de pesquisa em linguística, (10.: 2019: Franca, SP).

- S474 X Seminário de pesquisa em linguística da Universidade de Franca (SELINFRAN) - democracia, resistência política e produção científica: efeitos em textos e discursos, 19 - 21 set. 2019 / organização, Aline Fernandes de Azevedo Bocchi, Luana Ferraz, Marilurdes Cruz Borges; vários autores. – Franca, SP: Universidade de Franca, 2019. e-book.

ISBN e-book: 978-65-80120-31-4

Linguística – Seminário. 2. Pesquisa científica – Linguística – Resumos. 3. Linguística – Produção científica. 4. Democracia – Resistência política. 5. Produção acadêmica. I. Bocchi, Aline Fernandes de Azevedo. II. Ferraz, Luana. III. Borges, Marilurdes Cruz. IV. Universidade de Franca. V. Título.

CDU – 801:001.891(061.3)

PAIXÕES QUE LEVAM À AÇÃO: A RETÓRICA PROFÉTICA DE NEEMIAS NA RECONSTRUÇÃO DE JERUSALÉM

Wagno Broedel PALMA (UNIFRAN)

Maria Flávia FIGUEIREDO (UNIFRAN)

Luana FERRAZ (UNIFRAN)

RESUMO

Em 586 a.C., Jerusalém foi totalmente destruída pelo rei Nabucodonosor da Babilônia. Depois de 70 anos de caos, Neemias despontou como um grande líder ao reascender a esperança do povo e reconstruir tudo o que havia sido devastado. Nesse momento, despertar as paixões do povo pelo discurso foi o meio encontrado pelo então governador de Judá para persuadir seu auditório. Neste artigo, propomos a analisar os primeiros oito capítulos do livro bíblico de Neemias sob o prisma das 14 paixões contidas na obra *Retórica* (2005), de Aristóteles. A partir de uma análise qualitativa do texto, enumeramos e descrevemos as paixões possivelmente suscitadas nos ouvintes da época, as quais motivaram a reconstrução da sociedade judaica pós-exílica. Dessa maneira, esperamos ampliar nossa percepção do texto bíblico e, assim, apontar caminhos e motivações para nossas sociedades em seus contínuos processos de reconstrução.

Palavras-chave Retórica; paixões aristotélicas; texto bíblico; Livro de Neemias; reconstrução de Jerusalém.

ABSTRACT

In 586 BC, Jerusalem was entirely destroyed by the King Nebuchadnezzar of Babylon. After 70 year of chaos, Nehemiah turned into a great leader, trying to revive people's hope and rebuilt everything that had been destroyed. Reviving people's passion by his speech was the way he found to persuade his audience. The objective of this paper is to analyze the first 8 chapters of Nehemiah's book, making use of the 14 Aristotelian passions, which can be found in the book *Rhetoric* (2005) of Aristotle. A qualitative analysis of the text is going to be performed, counting and describing the passions evoked on the listeners of that time, causing them to be motivated and to rebuild the postexilic Jewish society. We expect to broaden our Biblical text insight in order to point out ways and motivations to our societies in its constant rebuilding process.

Keywords Rhetoric, Aristotle passions, Biblical texts, The Book of Nehemiah, reconstruction of Jerusalem.



Introdução

A retórica é muito antiga. Já na mitologia grega, os deuses do Olimpo discursavam com o intuito de convencer. Entre eles, destaca-se *Peitho*, a deusa da sedução e da persuasão (cf. TRINGALI, 2014, p. 94). Era bela, mas modesta. As palavras que saíam de sua boca revelavam a verdadeira arte de conquistar os corações por meio de discursos insinuantes. Seu penteado tinha o formato de uma língua humana, simbolizando a fala como forma mais perfeita de persuadir²⁰.

Entre os mortais, a retórica originou-se por necessidade judiciária, por volta de 465 a.C. Os cidadãos sicilianos, depois de uma terrível guerra civil, foram despojados de seus bens. Em decorrência disso, grandes conflitos surgiram. Nesse contexto, Córax (discípulo do filósofo Empédocles) e seu discípulo, Tísias, escreveram um pequeno documento chamado “arte oratória”, contendo preceitos práticos para aqueles cidadãos que queriam recorrer à justiça (cf. REBOUL, 2004, p. 2). Os retores redigiam textos que os litigantes deveriam ler diante dos tribunais com o intuito de convencer e persuadir aqueles que ouviam as defesas das causas.

O filósofo Aristóteles (384-322 a.C.) foi o grande sistematizador da retórica. Ele assim a definiu: “Entendemos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (ARISTÓTELES, 2005, p.

²⁰ Informações obtidas no “Curso de Mitologia Grega”, ministrado pela Profa. Dra. Sira Napolitano, na Escola Escrever, em Franca, SP, no ano de 2008.

95). Persuadir, por sua vez, significa realizar um discurso compreensível e crível, que conquiste um auditório pelos argumentos, fazendo-o adepto de suas proposições e levando-o, em consequência, a agir.

Para o estagirita, a arte retórica fundamenta-se em provas, que ele divide em duas classes: as não artísticas, que não dependem do contexto retórico, mas são provenientes de testemunhos, confissões, documentos escritos e semelhantes; e as artísticas, que dependem do contexto retórico e são de três espécies: “umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras no próprio discurso” (ARISTÓTELES, 2005, p. 96).

Aristóteles já havia indicado o efeito das paixões na arte de persuadir. Mais tarde, o escolástico Santo Tomás de Aquino (1225-1274) descreveu com profundidade as paixões da alma. Porém, foi sobretudo na segunda metade do século XX e princípio do século XXI que os estudos sobre as paixões se revigoraram e passaram a provocar interesse cada vez maior, não apenas para a retórica, mas para o campo das Ciências Humanas de modo geral.

O presente artigo, vinculado ao campo dos estudos retóricos, visa à investigação dos efeitos passionais provenientes da interação entre orador e auditório no discurso religioso. Para realizar tal investigação, selecionamos, como objeto de pesquisa, os capítulos 1 a 8 do livro bíblico de Neemias. Nele estão



contidos os discursos proferidos por Esdras e Neemias ao “resto do povo de Israel”, isto é, à população remanescente de Jerusalém e aos escravos libertos que retornaram da Babilônia por volta de 538 a.C.²¹

O livro de Neemias, em seus capítulos 1 a 8, será analisado à luz da descrição das paixões (emoções humanas) apresentadas no Livro II da *Retórica* (2005), no qual Aristóteles estabelece a fenomenologia das paixões da alma humana como uma ferramenta de que o orador deve dispor para persuadir seu auditório.

Seguindo essa linha de raciocínio, levantamos a hipótese de que as paixões despertadas tiveram uma importância decisiva, no contexto de recepção originário, para a adesão do povo ao discurso que propunha a reconstrução de Jerusalém. Dado que as paixões levam à ação, procuramos observar, neste artigo, as paixões que provavelmente conduziram o líder Neemias ao comando do processo de reconstrução e quais teriam sido evocadas por suas exortações ao povo na tentativa de persuadi-lo a aderir ao projeto.

21 O Salmo 125 canta uma mudança radical para um resto do povo de Israel, até então escravo da Babilônia. Transcorria o ano 538 a.C., quando o Rei Ciro da Pérsia venceu o exército da Babilônia e proclamou um edito de libertação para os israelitas. Até então, Israel havia padecido por 70 anos (608-538 a.C.) sob a dominação babilônica. No ano 538 a.C., sua sorte mudou: o povo recuperou sua liberdade. Porém, o povo mal sabia que grandes desafios estavam por vir: reconstruir a cidade de Jerusalém, reedificar suas torres e muralhas, levantar novamente o templo e, o mais difícil, fazer renascer o povo e suas instituições. Nesse processo, grandes personagens tomam a ação: Esdras e Neemias. Seus discursos podem ser considerados persuasivos, uma vez que conquistaram o resto do povo para tudo recriar.

1. Fundamentação teórica

No universo da retórica, quadro teórico em que este trabalho se insere, as provas artísticas, como vimos, são de três espécies: *ethos*, *pathos* e *logos*. Duas das espécies são de caráter afetivo, *ethos* e *pathos*, e a outra, de caráter racional, o *logos*²². Uma vez que nossa investigação perscruta as possíveis emoções despertadas em um auditório, debruçar-nos-emos sobre o *pathos*. Vejamos em que consiste tal prova.

O *pathos* está centrado no fator psicológico dos diversos auditórios. A seu respeito, afirma Aristóteles (2005, p. 97): “Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio”.

Pathos é, pois, o conjunto de emoções e sentimentos suscitados pelo orador no auditório por meio do discurso. Para que a persuasão atinja seus fins, é necessário que o orador tenha conhecimento de seu auditório. Para dispô-lo favoravelmente, esse orador deve ter em conta os valores ético-morais, as convicções político-sociais, as crenças e a cultura de seu auditório. Nas palavras de Reboul (2004, p. 48), “a resposta depende do próprio auditório, cujas expectativas variam segundo a idade, a competência, o nível social etc.”.

22 Nossa compreensão do ser humano é holística, não fragmentada, ou seja, não podemos separar ontologicamente razão e afetos. Aqui, fazemos tal distinção apenas didaticamente, com finalidade gnosiológica.

O filósofo Aristóteles dedicou o segundo livro de sua *Retórica* (2005) ao exame das 14 paixões da alma humana. Figueiredo (2018), no artigo “A retórica das paixões revisitada”, sintetizou e descreveu, com breve explanação, cada uma das paixões tratadas pelo estagirita:

- **Cólera:** é um impulso de vingança, causado por injustificada negligência em relação ao outro ou aos que são seus queridos. Essa paixão reequilibra a diferença causada pela insolência, pelo despeito e pelo desprezo. Consiste na tentação de causar desgosto ao outro. Tange, portanto, ao pessoal, as questões particulares entre sujeitos.
- **Calma:** é o contrário e talvez o antídoto da cólera. Configura o estado de apaziguamento após um tormento estrondoso e recria a simetria entre os indivíduos.
- **Amor:** é desejar para alguém aquelas coisas que você considera boas (desejando-as para o outro e não para si) e tentar, ao máximo, fazer com que elas ocorram. É, então, o laço de identidade com o outro.
- **Ódio:** é dissociador. É a ânsia por querer causar mal ao outro. Diferentemente da cólera, o ódio diz respeito à inimizade em relação ao geral, às classes, não ao particular. Odeiam-se aos ladrões, malfeitores e carrascos: às classes, não aos sujeitos. Quem sente cólera quer que o causador de seu tormento sinta, em seu lugar, seu mal, enquanto quem

sente ódio deseja que seu alvo desapareça.

- **Temor:** uma dor ou distúrbio decorrente da projeção de um mal iminente que tem caracterização destrutiva e penosa. É acompanhado de uma expectativa. Temem-se, então, os maus que podem nos arruinar ou arruinar quem nos é querido.
- **Confiança** (segurança): é o oposto do medo. É acompanhada da esperança (antecipação) das coisas que levam à segurança como algo próximo, enquanto as causas do medo parecem inexistentes ou distantes.
- **Vergonha:** valoriza a imagem que o outro cria de nós; é dor ou perturbação em relação ao presente, passado ou futuro, que achamos que tenderá ao nosso descrédito de acordo com a visão de outrem. Caracteriza a inferioridade que sentimos em relação ao outro.
- **Impudência** (desvergonha): também ocorre de acordo com a imagem que criam de nós, porém, essa concepção não nos traz dor alguma, pelo contrário, cria indiferença que anula qualquer possibilidade do desgosto. Deflagra a posição de superioridade em que nos colocamos em relação ao julgamento do outro.
- **Favor** (obsequiosidade): bondade desinteressada em fazer ou devolver o bem ao outro.
- **Compaixão** (piedade): sentimento de dor, considerado como sendo um mal destrutivo ou doloroso, que recai sobre





quem não o merece. É despertada quando pensamos que nós mesmos ou alguém próximo a nós poderia sofrer tal mal, sobretudo, quando essa possibilidade parece real e alardeadora.

- **Indignação:** compreende uma dor ao avistar o destino de alguém que não o mereceu.
- **Inveja:** angústia perturbadora dirigida à boa sorte de um igual. A dor é sentida, não porque se deseja algo, mas porque as outras pessoas o têm. É relacionada, então, ao sentimento de querer tirar, ou destruir, o que é de outrem.
- **Emulação:** relaciona-se ao movimento de imitação ao outro. Sentimento em relação aos bens ou conquistas de outrem, que consideramos desejáveis e que estão ao nosso alcance. É uma dor sentida, não porque as outras pessoas tenham tais bens, mas porque não os temos também, o que nos impele a querer possuí-los.
- **Desprezo:** antítese da emulação. As pessoas que estão em posição de serem imitadas tendem a sentir desprezo por aqueles que estão sujeitos a quaisquer males (defeitos e desvantagens). Assim, o desprezo pressupõe que o outro não merece o que tem pelo fato de ser inferior ao seu destino.

(FIGUEIREDO, 2018, p. 145-147)

Com base nas proposições sistematizadas por Aristóteles (2005) e resgatadas por Figueiredo (2018), observaremos as projeções passionais do objeto de estudo selecionado.

2. Metodologia

Para realizar a análise do texto selecionado, observaremos as possíveis paixões despertadas no auditório, pertencente ao contexto de recepção originário, enumerando-as qualitativamente.

Nosso objeto de pesquisa é constituído pelos discursos pronunciados pelo orador Neemias; seu irmão, Hanani; o rei Artaxerxes, a quem Neemias servia como copeiro; e seus opositores, Sanabalat e Tobias. Todos esses discursos estão contidos nos capítulos 1 a 8 do livro bíblico de Neemias.

3. Análise piloto

Nehemias, cujo nome significa “O Senhor conforta”, era copeiro de Artaxerxes, rei da Pérsia (Ne 2, 1), e posteriormente foi nomeado Governador de Judá (Ne 5, 14), com a missão de reconstruir sua cidade natal. O livro de Neemias inicia-se com um diálogo entre irmãos. Hanani vem de uma peregrinação a Jerusalém e traz notícias a Neemias sobre a destruição e as desordens na capital de Judá, Jerusalém: “os sobreviventes do cativo [...] vivem em grande miséria e abatimento: as muralhas de Jerusalém estão em ruínas e suas portas incendiadas. Ouvindo estas palavras, sentei e chorei, fiquei de luto por vários dias, jejuando e rezando...” (Ne 1, 3-4).

Nessa primeira perícopes, verificamos que Neemias é emocionalmente afetado pelas notícias de Jerusalém. A fala de Hanani pode despertar três paixões em Neemias: amor, compaixão



e indignação. O amor gera a identificação com o outro. Neemias identifica-se com o povo que vive na miséria, na carência do suficiente para viver de modo digno, e que vive abatido, cansado do sofrimento ocasionado pela perda de tudo. Embora tenha nascido na cidade persa Susa, Neemias demonstra grande identificação com Jerusalém e um forte senso de pertencimento à Cidade Santa.

A compaixão é padecer com o outro, isto é, trata-se de uma dor que sentimos pela dor do outro. É sofrer com o outro e participar do sofrimento dele. Diz respeito a uma identificação tão profunda que somos capazes de sentir em nós mesmos a dor do outro. A compaixão é despertada em Neemias, que senta e chora, passa por um tempo de luto pela desgraça de seu povo.

A indignação é a paixão da não aceitação de um acontecimento que, aos olhos daquele que a sente, não deveria ter acontecido. Neemias lamenta com lágrimas, e sua indignação se converte em oração e jejum. O povo passa fome involuntariamente, mas Neemias, com a prática do jejum, voluntariamente e solidariamente se associa a seus compatriotas.

A segunda perícopes mostra um diálogo entre o copeiro Neemias e o Rei Artaxerxes:

Peguei o vinho que estava diante do rei e lho ofereci. O rei disse-me: 'porque estás com o rosto abatido? Já que não estás doente, só pode ser tristeza do

coração'. Fiquei muito apreensivo e respondi: 'como meu rosto poderia não estar triste, quando a cidade onde estão os túmulos de meus pais está em ruínas e suas portas consumidas pelo fogo?' O rei disse-me: 'que desejas?' fiz uma oração ao Deus do céu e disse ao rei: 'se for do agrado do rei, se o teu servo achar graça diante de ti, manda-me para Judá, à cidade onde se encontram os túmulos de meus pais, a fim de que possa reconstruí-la'. E o rei concedeu-me tudo, pois a bondosa mão de Deus me protegia (Ne 2, 1-5. 8 b).

No segundo livro da *Retórica*, o filósofo Aristóteles discursa sobre duas palavras: utilidade e vantagem. Para o estagirita, a forma como se apresenta o orador é mais útil, porém, o modo como dispõe seu auditório é mais vantajoso na arte da persuasão (cf. ARISTÓTELES, 2005, p. 159). No que tange a primeira, o orador deve ser prudente, honesto e benevolente, pois deste modo inspirará confiança no auditório. Sem essa confiança, o orador não conseguirá persuadir seus ouvintes. Mas as mudanças de juízos e de comportamentos do auditório são realmente efetuadas pelas emoções que comportam dor e prazer; nesse sentido, despertar as emoções certas nas horas certas é mais vantajoso (Cf. ARISTÓTELES, 2005, p. 160).

Na citação bíblica acima, contemplamos o copeiro diante de seu rei. Neemias inspira confiança em Artaxerxes. A função de copeiro era um cargo de extrema confiança e, ao mesmo tempo, de grande risco. O copeiro, entre outras coisas, deveria



provar do vinho e experimentar as refeições antes de serem servidas ao rei devido ao perigo de envenenamento. Diante de Artaxerxes, Neemias desvela seu *ethos* prudente, honesto e benevolente, gerando alta confiança. Ademais, o breve discurso, com o rosto triste, desperta a compaixão do rei. Neemias logra persuadir Artaxerxes pelo *ethos* confiável e pela compaixão. Assim o rei o concede a permissão para reconstruir Jerusalém.

A terceira perícopes é constituída por um discurso dirigido aos habitantes de Judá. Uma vez chegado a Jerusalém (cf. Ne 2, 11-15), Neemias ficou três dias sem manifestar sua inspiração divina e seu propósito de reconstruir Jerusalém. Depois de inspecionar em segredo, na escuridão da noite, a situação da cidade, rompeu seu silêncio dizendo aos judeus:

Estais vendo a triste situação em que nos encontramos: Jerusalém está em ruínas e as portas foram devoradas pelo fogo. Vamos! Temos de reconstruir as muralhas de Jerusalém, e já ninguém nos poderá desprezar [...] e eles me responderam: 'Sim, vamos reconstruir!' E iniciaram com coragem a boa obra (Ne 2, 17. 18c).

Nessa fala, Neemias cita expressamente a paixão aristotélica “desprezo” e a sua consequência, a tristeza. Para o estagirita, o desprezo é uma forma de desdém baseada no julgamento de que uma pessoa ou uma coisa carece de valor (cf. ARISTÓTELES, 2005, p. 162). Nesse sentido, Jerusalém e seu povo

experimentaram o grau máximo do desprezo, o que gerou uma profunda tristeza. Na percepção de Neemias, são dois os inimigos que o “resto de Israel” precisa vencer: um interno, a tristeza; outro externo, o desprezo. E o remédio para ambos é a reconstrução da cidade natal.

Uma segunda paixão possível, nesse caso, é a vergonha. Para o estagirita, a vergonha é um certo pesar ou perturbação no espírito referente à perda da boa reputação (cf. ARISTÓTELES, 2005, p. 178). Ora, como podemos verificar no contexto e nos textos em análise, Jerusalém está humilhada ao extremo devido à desonra de seu povo. Neemias faz a descrição daquilo que os ouvintes têm diante dos olhos e invoca a situação de desprezo para despertar no seu auditório a valoração da cidade e de seus habitantes.

Na quarta perícopes, analisamos o discurso dos opositores e adversários da reconstrução da cidade.

Quando Sanabalat ouviu dizer que estávamos reconstruindo as muralhas, ficou furioso e arrogante. Ironizou os judeus na presença dos colegas e da guarnição militar da Samaria, dizendo: 'Que estão fazendo estes judeus raquíticos? Porventura isso lhes será permitido? Oferecerão Sacrifícios? Vão acabar tudo num só dia? Vão ressuscitar pedras dum montão de poeira queimadas como estão?'. E o amonita Tobias, a seu lado, acrescentou: 'Pois que construam! Se uma raposa subir nesse muro de pedras, o deitará abaixo' (Ne 3, 34-35).



O texto de Neemias 3, 33-35 apresenta o discurso zombeteiro de Sanabalat e Tobias acercadas dificuldades que tornaram dramática a reconstrução da cidade. Havia dificuldades internas, como a falta dos recursos necessários, que levava os judeus a recuperarem as pedras dos escombros, no meio do pó da terra; o cansaço, o esgotamento dos construtores e sua estrutura física frágil, “raqúitica”. Mas foram, sobretudo, as dificuldades externas, os confrontos com os opositores e suas provocações, as causas da vergonha, do desânimo e do medo dos construtores. Pela leitura da perícópe, podemos elencar duas paixões possivelmente despertadas no auditório: a ira e a inveja.

Segundo Aristóteles (2005, p. 161), “a ira é um desejo acompanhado de dor que incita a exercer vingança explícita [...] sem haver razão para isso”. Ela é gerada quando é colocado algum obstáculo para o que sujeito não adquira aquilo que imagina ter direito, ou quando não experimenta a colaboração de alguém para alcançar determinado fim, ou ainda quando alguém se opõe a sua ação, perturbando-lhe o espírito (cf. ARISTÓTELES, 2005, p. 163).

Os opositores são samaritanos que, com o desterro dos jerosolimitanos, sentiram-se no direito de apossar-se das terras de Judá. Mas com a repatriação dos judeus, os samaritanos foram perdendo seus domínios. A ira, gerada nos opositores da reconstrução de Jerusalém, é a perturbação causada pelo medo de

perder as posses das terras de Judá e de Jerusalém, sua capital.

A segunda paixão é a inveja. Segundo o filósofo Aristóteles (2005), a inveja é uma perturbação da alma sentida diante de um êxito visível alcançado por aqueles que nos são próximos e semelhantes. Trata-se da não aceitação de que alguém, igual a nós, tenha conquistado sucesso, seja de reputação reconhecida ou que tenha aumentado a quantidade de seus bens (cf. ARISTÓTELES, 2005, p. 190).

Na citação bíblica, Sanabalat e Tobias podem sentir inveja por dois motivos. A primeira motivação é a perda das posses e propriedades de Judá, o que constitui, nas palavras do estagirita, um motivo de desonra. O ressentimento de não obter os bens que os judeus têm causa-lhes inveja (cf. ARISTÓTELES, 2005, p. 191).

A segunda motivação é a própria reconstrução de Jerusalém. A capital do Reino de Israel (reino do Norte), chamada Samaria, havia sido destruída no ano 722 a.C., e ninguém tomou a iniciativa de reconstruí-la. Mas o processo de reconstrução de Jerusalém, capital do reino de Judá (Reino do Sul), que havia sido destruída em 586 a.C., já mostrava avanços. A comparação entre as duas capitais – Samaria sem reconstrução e Jerusalém sendo reconstruída – poderia gerar inveja nos samaritanos; daí o motivo de sua oposição.

A ira e a inveja dos samaritanos foram crescendo de tal modo que as palavras de zombaria passaram a expressões de intimidação e ameaças



dirigidas aos judeus. Quando Sanabalat, Tobias e seus aliados se deram conta do progresso da reconstrução de Jerusalém ficaram muito contrariados e conspiraram para marchar juntos contra aqueles que trabalhavam nas obras (cf. Ne 4, 1-2). A partir deste dia, metade dos homens trabalhava na reconstrução e a outra metade empunhava armas, para guardar os que trabalhavam. Assim, trabalhavam desde as estrelas do amanhecer até as estrelas do entardecer (cf. Ne 4, 10- 15).

Considerações finais

As paixões possuem grande efeito no auditório. Seu uso por parte do orador é uma grande arma, que pode ser usada para persuadir ou dissuadir. É verdade que somos seres racionais e, nisso, nos distinguimos dos demais animais; é por esta capacidade que somos capazes de usar as paixões e as emoções para convencer e persuadir.

Na análise das quatro perícopes bíblicas do Livro de Neemias, pudemos enumerar qualitativamente sete das quatorze paixões aristotélicas elencadas na Retórica (2005): amor, compaixão, indignação, desprezo, vergonha, ira e inveja, e verificamos o grande valor persuasivo que elas exercem nos respectivos auditórios.

Hanani, com uma simples resposta dada ao irmão Neemias, logrou persuadi-lo a reconstruir Jerusalém, despertando nele três paixões: o amor, a compaixão e a indignação (cf. Ne 1, 1-3). Neemias, por sua vez,

utilizou-se da confiabilidade de seu *ethos* para despertar a compaixão do rei Artaxerxes (cf. Ne 2, 1-8), o que lhe permitiu abandonar a função de copeiro do rei e assumir o cargo de governador de Judá.

No primeiro discurso aos habitantes de Jerusalém, Neemias falou do desprezo do qual eram vítimas. A descrição dessa situação e o convite para reconstruir Jerusalém obtiveram como resposta: “Sim, vamos reconstruir”. E iniciaram com coragem a obra” (Ne 2, 18).

Finalmente, na quarta perícope analisada, observamos as paixões da ira e da inveja e seus efeitos nocivos, tanto para quem as sente quanto para aqueles que são seus alvos. Nocivos para quem as sente porque são perturbações da alma acompanhadas de dor. Nocivos para os outros porque causam consequências, às vezes devastadoras, em suas vidas.

O filósofo Aristóteles faz uma bela descrição das paixões da alma no segundo livro da Retórica (2005). Ele explica a fenomenologia de cada uma delas e seus processos, o que colabora muito para tomarmos conhecimento e consciência dos nossos desejos, temores e perturbações.

A partir de nossa investigação do Livro de Neemias, percebemos que a análise retórica das paixões pode trazer contribuições importantes, pois revela algumas das prováveis motivações de nossas sociedades em seus processos de reconstrução.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 4. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.
- _____. Breves considerações sobre a arte de argumentar. In: FIGUEIREDO, M. F.; MENDONÇA, M. C.; ABRIATA, V. L. R. *Sentido em movimento: identidade e argumentação*. Franca: UNIFRAN, 2008, p. 58-82. (Coleção Mestrado em Linguística, 3).
- AGOSTINHO, Santo. *A doutrina cristã*. Tradução de Ir. Nair de Assis. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Patrística, 17).
- _____. *Confissões*. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção Patrística, 10).
- ARISTÓTELES. *A retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Centro da Filosofia da Universidade de Lisboa - Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.
- FIGUEIREDO, M. F. A retórica das paixões revisitada. In: LUDOVICE, C. B. A.; MANFRIM, A. M. P.; FIGUEIREDO, M. F. *O texto: voz, corpo e sentido*. Franca: Unifran, 2018, p. 145-147. (Coleção Mestrado, 13).
- FIGUEIREDO, M. F.; FERREIRA, L. A. A dimensão do *ethos* nos gêneros retóricos. In: LIMA, E. S.; GEBARA, A. E. L.; GUIMARÃES, T. F. (Orgs.). *Estilo, ethos e enunciação*. Franca, SP: Universidade de Franca, 2016, p. 58-79. (Coleção Mestrado em Linguística, 1).
- MONDIN, B. *O homem, quem é ele?* Elementos de antropologia filosófica. Tradução de R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. 13. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- REALE, G.; ANTISERI, D. *História de filosofia: do humanismo a Kant*. São Paulo: Paulinas, 1990, v. 2.
- _____. *História de filosofia: do Romantismo até nossos dias*. São Paulo: Paulinas, 1991, v. 3.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- TRINGALI, D. *A retórica antiga e as outras retóricas: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Musa, 2014.

